

SENTIR PARA RESISTIR: A ESCRIVIVÊNCIA DAS EMOÇÕES FEMININAS COMO FORMA DE TRANSCENDÊNCIA E LIBERDADE¹

Natasha Hevelyn Oliveira da Silva (UFPE / PE)

Célia Regina Pereira Soares (UFPE / PE)

Maria Elizandra Santos de Oliveira (UFPE / PE)

RESUMO

Situado na intersecção dos estudos de gênero, da filosofia existencialista feminista e da antropologia das emoções, este trabalho objetiva analisar como a escrevivência, a partir das emoções e subjetividades, conjectura modos de liberdade, tensionando as categorias de imanência e transcendência frente ao patriarcado. Sartre (2006) afirma que o homem está condenado a ser livre, pois, não havendo uma essência dada, cabe a cada sujeito inventar-se a partir das próprias escolhas. No entanto, Simone de Beauvoir (2019) tensiona essa universalidade ao afirmar que, para a mulher, a liberdade não é uma experiência imediata, mas algo constantemente adiado, sequestrado e mediado pelas estruturas patriarcais. Essa condição fixaria as mulheres na imanência, como seres determinados biologicamente, enquanto os homens se realizam na transcendência. Essa tensão entre a liberdade como ontologia (inerente ao ser e à sua capacidade de transcendência) e como condição (atravessada por relações sociais e restrita à imanência) permite ler com mais profundidade os textos literários de mulheres que escrevem a partir de si - a escrevivência -, como um gesto político e poético de reapropriação de si mesmas. O corpus inclui obras como *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector (1979), que revela a forma como a emoção do outro é interpretada por uma lente eurocêntrica; *Mulher ao espelho*, de Cecília Meireles (1973), o conflito da objetificação do corpo feminino e *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo (2017), em que a experiência das emoções é narrada a partir de uma posição social racializada e generificada. A análise também abrange os autorretratos emocionais produzidos pelas mulheres participantes da oficina de escrita realizada durante o *Cirkula UFPE* (2025), bem como pelas ministrantes, evidenciando a participação implicada na pesquisa. As emoções são compreendidas, neste estudo, como produto da cultura, não como dados fixos, mas constituídas na experiência vivida (Le Breton, 2026). Ademais, tratam-se de fenômenos estruturais, atravessados por assimetrias sociais e relações de poder (Lutz, 2012). Essa abordagem permite compreender as emoções, tanto nos textos literários quanto nas narrativas da oficina, como indicadores de subjetividade, agência e resistência ao patriarcado. Tais expressões configuram-se, portanto, como formas de resistência e produção de sentido na experiência feminina. Sentir é um ato cultural, mas sentir e expressar suas emoções podem construir caminhos para alcançar a transcendência, exercer a liberdade e resistir frente às estruturas patriarcais.

Palavras-chave: Escrevivência; antropologia das emoções; transcendência.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

1. Introdução

Historicamente, o espaço de produção do conhecimento foi negado às mulheres, silenciando suas vozes e relegando-as ao espaço privado e ao trabalho reprodutivo, com a justificativa de uma essência prévia voltada ao lar, ao cuidado e à família, embora não estivessem desobrigadas das atividades ditas produtivas. Nessa conjuntura social e política, um debate central para as lutas das mulheres é relativo à liberdade no campo da filosofia existencialista. Seria a mulher um ser livre, capaz de desfrutar da liberdade ontológica prometida a todos os homens?² Ou a liberdade constitui uma condição constantemente sequestrada, mediada e adiada? Afinal, os aspectos sociais são naturalizados, conferindo à mulher um papel de ser sexuado, uno e essencializado. O feminino, portanto, é configurado por papéis de gênero socialmente construídos que constituem e efetivam a opressão ao impeli-las ao local da imanência.

Por outro lado, se há silenciamento, há voz. Mulheres vêm, há séculos, produzindo conhecimento, arte e ação política como resistência ao patriarcado. É nesse contexto que este trabalho se volta para o lugar do sentir como dimensão da experiência vivida, atravessada por relações de poder. As emoções não escapam aos domínios patriarcais, pois interiorizamos, desde cedo, traços culturais da família e da sociedade, as "encruzilhadas" de Artaud de que fala Le Breton (2022). Entretanto, pela escrita construímos pontes para a liberdade e a transcendência. Lançamos mão do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2005), a escrita de si como forma de resistência que conduz à transcendência. Assim, a nossa pergunta de pesquisa é: **como a escrevivência, a partir das emoções e subjetividades, possibilita modos de liberdade, tensionando as categorias de imanência e transcendência frente ao patriarcado?**

Como campo empírico, propusemos um espaço de interlocução na XI edição do Cirkula. O evento foi sediado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) entre os dias 02 e 05 de dezembro de 2025 e teve como tema: "*Antropologia em tempos de transformação: tecnologia, cosmologia e caminhos possíveis*". Foi nesse cenário que ministramos a oficina "*Escrevivência e autorretrato: a liberdade como uma ontologia ou uma condição?*" A atividade reuniu mulheres e se pautou nos pressupostos da pesquisa-ação proposta por Michel Thiollent (1986), na qual a investigação é ao mesmo tempo participativa e colaborativa, diferentemente da

² O termo "todos os homens" refere-se ao sujeito universal da tradição filosófica ocidental, cuja pretensa universalidade foi historicamente negada às mulheres.

pesquisa tradicional, que separa sujeito e objeto. A abordagem integrou reflexão e ação, valorizando a implicação das participantes no processo de análise das emoções e subjetividades. Em consonância, mobilizamos a epistemologia feminista negra, proposta por Patricia Hill Collins (2000). A autora aponta que, enquanto a metodologia positivista se ancora na metáfora da luz e da visão, em que o observador é distante, neutro e iluminador, as epistemologias feministas estruturam-se fundamentalmente por metáforas auditivas (encontrar voz, falar e escutar). Portanto, nossa intenção é privilegiar a voz para romper com o distanciamento asséptico, buscando validar o conhecimento nas quatro dimensões propostas por essa epistemologia: [1] a experiência vivida como critério de significado, aspecto claro na concepção de escrevivência; [2] o uso do diálogo na avaliação e reivindicação do conhecimento, por meio de um diálogo de sujeita para sujeita, estabelecendo conexões entre nós e as participantes da oficina; [3] a ética do cuidar, com a valorização da autoexpressão, da empatia e das emoções e por fim [4] ética da responsabilidade pessoal: trata-se do compromisso político com a produção do conhecimento, a união entre as teorias defendidas e a prática pela justiça social.

Nesse contexto, de se colocar com corpo e espírito no campo, tanto as ministrantes da oficina quanto as participantes produziram e compartilharam seus autorretratos emocionais ao tecer a escrevivência. Para isso, os textos de Lispector (1997), Meireles (1973) e Evaristo (2017) foram utilizados para provocar o diálogo e aguçar os sentidos das participantes, identificando as tensões entre imanência e transcendência em suas experiências cotidianas. Esse processo culminou nos escritos das participantes, mobilizando memórias, afetos e experiências, estabelecendo conexões entre os textos e suas trajetórias.

Finalmente, o artigo se organiza em quatro partes. A primeira seção, "A liberdade como uma ontologia ou uma condição?", fundamenta o debate existencialista e sua generificação a partir de Simone de Beauvoir. A segunda, "A literatura e a possibilidade de transcendência", analisa o *corpus* literário em três subseções: "A menor mulher do mundo: alteridade e lampejos de transcendência" (Lispector); "Mulher ao espelho: a reflexividade em ser-em-si ou ser-para-si" (Meireles); e "Vozes-mulheres: a escrevivência como forma de transcendência" (Evaristo). Por fim, as seções "Antropologia das emoções e a escrevivência" e a subseção "(Re)existência afetivo-coletiva" debruçam-se sobre a análise dos autorretratos e vivências gerados na oficina.

2. A liberdade como uma ontologia ou uma condição?

Em Jean-Paul Sartre, a liberdade é concebida como dimensão constitutiva da existência. Na famosa conferência proferida pelo autor em 1945, veiculada pelo *Le Monde*, ele afirma: “reconheço que o homem é um ser em que a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre que só pode querer a sua liberdade (...)” (Sartre, 1970, p. 42). Uma vez que a existência precede a essência, a natureza humana não está determinada, tampouco é definitiva, ao constituir suas subjetividades e objetivar-se no mundo “o homem é livre, o homem é liberdade” (idem, p. 20). Tal compreensão encontra fundamento em sua ontologia fenomenológica, especialmente na distinção entre o ser-em-si (*en-soi*) e o ser-para-si (*pour-soi*). Enquanto o primeiro caracteriza o modo de existência dos objetos e das coisas, que simplesmente são aquilo que são, o segundo se refere à consciência humana, marcada pela incompletude e pela capacidade de projetar-se para além do que é no presente. Ao contrário de um objeto, como uma cadeira, uma mesa, uma caneta ou mesmo esse notebook em que escrevo este texto no presente momento, que possui funções previamente determinadas, o ser humano não dispõe de uma essência dada que defina antecipadamente sua existência.

Para Sartre (1997), essa condição decorre do fato de que a consciência não coincide plenamente consigo mesma. Diferentemente do em-si, marcado pela plena positividade, o para-si caracteriza-se pela abertura e pela intencionalidade, existindo sempre como consciência de algo. Como afirma o filósofo, “a realidade humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesma” (Sartre, 1997, p. 545). O ser humano não é algo acabado, mas um esboço em constante construção, permanentemente lançado em direção a novas possibilidades e responsável por atribuir sentido ao mundo e à própria existência. Nesse sentido, liberdade e para-si tornam-se categorias inseparáveis, uma vez que a liberdade corresponde precisamente ao processo pelo qual o sujeito produz a si mesmo ao longo de sua trajetória.

A liberdade constitui, assim, a própria estrutura ontológica do para-si. Sendo um ser de projetos, o indivíduo não pode escapar à necessidade de escolher, mesmo quando tenta renunciar à própria liberdade. A recusa em escolher já constitui uma escolha; o ser humano está inevitavelmente condenado à liberdade, pois, mesmo quando procura esquivar-se de suas escolhas, continua sendo responsável por elas. É precisamente na transcendência que o sujeito humano não se reduz ao que é no presente, mas projeta-se continuamente para além de si, atribuindo significados ao mundo e produzindo seu próprio vir-a-ser.

Não em discordância com a concepção sartreana de liberdade, da qual a própria Beauvoir (2019) parte para elaborar sua reflexão sobre a condição feminina, mas buscando discutir sua constatação universalizante, torna-se necessário questionar em que medida os grupos historicamente subalternizados tiveram suas possibilidades concretas de transcendência restringidas por relações de dominação. Embora a liberdade permaneça uma dimensão ontológica da existência humana, sua realização não ocorre em condições homogêneas. Mulheres, negros/as e outros sujeitos historicamente marginalizados vivenciam processos de regulação, limitação e controle que incidem diretamente sobre suas possibilidades de agir, projetar-se e constituir-se como sujeitos de suas próprias existências.

É com essa reflexão, que abrimos para a discussão da célebre obra o *Segundo Sexo* (2019 [1949]). Simone de Beauvoir compartilha da mesma compreensão de Sartre em relação a liberdade ser ontológica ao ser humano. Assim como o homem, a existência singular da mulher no mundo da vida é um *pour-soi*, dotada de capacidade de agência; de se objetivar na realidade e constituir suas próprias subjetividades, ou seja, construir projetos e produzir sentidos para suas experiências: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.” (Beauvoir, 2019, p. 13), assim, a condição feminina não deriva de uma essência natural ou biológica, mas de um processo histórico e social de constituição da subjetividade. Sua facticidade é fraturada e sua essência é pré-concebida; as condições sociais nas quais se constitui sua experiência delimitam os horizontes do *vir-a-ser*, limita suas possibilidades de autodeterminação, atribuindo-lhe papéis previamente definidos e naturalizados:

É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. (...) Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro (Beauvoir, 2019, p. 15-16).

Há uma restrição sistemática das condições concretas para o exercício da liberdade. Sua existência se desenvolve em uma ordem falocêntrica que toma o homem como sujeito universal e a mulher na condição de outro. Impelidas à uma posição de imanência, associadas à repetição, à passividade e à dependência, reduzidas a um ser

uno e sexual, em virtude da própria facticidade dos homens. Para eles, é reservado o espaço da transcendência, da ação e da produção de sentidos sobre o mundo, uma vez que esses detém o domínio do social à sua imagem e semelhança. Assim, as restrições sociais, políticas, culturais e econômicas impostas às mulheres passam a ser naturalizadas e justificadas por uma suposta essência feminina, obscurecendo seu caráter histórico e social.

Desde a infância, são desencorajadas a afirmar-se como sujeitos autônomos, sendo educadas para corresponder aos ideais de feminilidade e para ocupar posições de cuidado, passividade e disponibilidade afetiva. Como observa Beauvoir (2019, p. 75), "durante toda a infância, a menina foi reprimida e mutilada (...). De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem". A espera para além de uma expectativa afetiva ou matrimonial, diz respeito à própria estrutura da socialização. A condição feminina é marcada por uma contradição fundamental. A mulher permanece, como qualquer ser humano, um sujeito livre e capaz de transcendência; contudo, é socialmente educada para vivenciar a si mesma como objeto, como dependente e como Outro, não como detentora de um projeto autônomo de liberdade. Enfatizadamente, ela é o ser sexuado, ele é o ser social. A opressão patriarcal consiste justamente nessa tentativa permanente de converter uma liberdade ontológica em uma existência orientada para a imanência:

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpétuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (Beauvoir, 2019, p. 23)

Nessa perspectiva, a autora não compreende as mulheres como sujeitos destituídos de agência. Mesmo diante das restrições impostas pela ordem patriarcal, permanece a possibilidade de questionar, resistir e produzir novos projetos de existência. A liberdade, embora constitua uma dimensão fundamental da condição humana, sua realização exige um movimento ativo de afirmação de si frente às forças que procuram reduzir o sujeito à imanência. Justamente por isso, não aparece como um estado dado, mas como uma conquista continuamente construída na relação com o mundo e com os outros; à capacidade de imaginar-se para além dos papéis que lhe foram atribuídos, concebendo novas possibilidades de ser e agir no mundo.

Sob essa perspectiva, a literatura se apresenta como um campo profícuo de análise, posto que possibilita acessar experiências, emoções, conflitos e formas de subjetivação que atravessam a vida social. Nesse sentido, constitui-se como locus de elaboração de experiências de transcendência. Em outras palavras, em muitos casos, a arte antecipa e dá conta do que a ciência demora muitos anos para alcançar. É a partir desse horizonte que este trabalho analisa três obras literárias escritas por mulheres: *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector (1979), *Mulher ao espelho*, de Cecília Meireles (1973), e *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo (2017), a partir das categorias de imanência e transcendência no contexto das experiências femininas narradas nos textos.

3. A literatura e a possibilidade de transcendência

3.1 A menor mulher do mundo: alteridade e lampejos de transcendência

A primeira obra lida foi “*A menor mulher do mundo*” (1979), de Clarice Lispector. A escolha do texto para abrir as reflexões da oficina relaciona-se ao profundo desconforto que sua leitura provoca. De forma sucinta, o conto narra o encontro entre Marcel Pretre, um explorador francês, e uma mulher pigmeia encontrada no Congo. Grávida, negra e com apenas quarenta e cinco centímetros de altura. No que tange a nossa discussão anterior, a personagem pode ser compreendida como uma expressão radical da condição de alteridade. Antes de ser reconhecida como sujeita, ela é constantemente definida a partir do olhar do outro. Sua existência é interpretada, nomeada e enquadrada por uma lógica que a reduz à condição de objeto exótico. Não por acaso, ao encontrá-la, o explorador sente a necessidade de lhe atribuir um nome, Pequena Flor. Assim, a personagem passa a ser observada, descrita, fotografada e posteriormente exibida ao público europeu através dos jornais.

A fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro (Lispector, 1976, p. 112).

Essa passagem evidencia a maneira como o explorador e o público europeu passam a percebê-la. A personagem não é apresentada como uma pessoa dotada de história, desejos ou consciência. Sua humanidade é progressivamente apagada por comparações que a aproximam do animal e do exótico.

Muito inquieta com a narrativa, uma das participantes da oficina, tece uma observação importante acerca desse fragmento: “No caso das mulheres negras, é muito

pior, porque ela não é só o Outro, ela é um outro do outro. (...) Esse texto é extremamente desconfortável de ler. Você vê que essa mulher não é muda de fato; ela é muda na visão do explorador.” Essa fala abre algumas possibilidades de reflexão, a primeira, refere-se ao fato de que não é que as mulheres não estejam falando, não é que não estejam expressando suas subjetividades, elas apenas não encontram ressonância. Em outras palavras, a mudez de Pequena Flor é produzida pelo olhar do explorador, que a reduz à condição de objeto e, conseqüentemente, inviabiliza sua constituição como sujeito legítimo da fala.

A segunda possibilidade de reflexão remete à necessidade de incorporar uma perspectiva interseccional à análise. A condição da personagem não é marcada exclusivamente pelo gênero, mas pela articulação entre diferentes sistemas de dominação. Pequena Flor é mulher, negra e colonizada. Assim, a subjetividade feminina é eclipsada por uma série de significados produzidos externamente, sendo conduzida, portanto, a condição de Outro, como observado por Beauvoir (2019). Então, vem a pergunta: a Pequena Flor está na imanência? E daí, vem uma das sacadas mais brilhantes de Clarice Lispector. Frequentemente a autora introduz gestos, expressões e reações que escapam à compreensão do explorador. Uma das passagens mais emblemáticas é quando Pequena Flor ri:

(...) o explorador sentiu mal-estar. É que a menor mulher do mundo estava rindo. Estava rindo, quente, quente. Pequena Flor estava gozando a vida. A própria coisa rara estava tendo a inefável sensação de ainda não ter sido comida. (...) Era um riso como somente quem não fala, ri. **Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar.** E ela continuou fruindo o próprio riso macio (...) (Lispector, 1976, p. 114, grifo nosso).

Este trecho também provocou reações nas participantes durante a discussão na oficina, uma outra observou que: “E quando ela ri, ele se sente desconcertado. É um ser humano, um sentimento. É um ser humano que pode ter desejo (...). Então, quando ela se coloca como ser humano, ele fica desconcertado, ele não consegue assimilar.” A leitura da participante nos faz perceber que o desconforto do explorador está para além da existência da Pequena Flor em si, encontra-se também quando ela assume possuir uma interioridade própria. Seu riso transgride a posição de objeto passivo que lhe foi atribuída e exibe uma subjetividade que não pode ser absolutamente suprimida. Ainda que submetida a múltiplas formas de objetificação, ela preserva uma dimensão de liberdade que escapa às tentativas de classificação e domínio. É justamente essa liberdade irreduzível que o explorador não consegue compreender, razão pela qual o riso de Pequena Flor pode ser interpretado como um lampejo de transcendência.

3.2 Mulher ao espelho: a reflexividade em ser-em-si ou ser-para-si

O poema "Mulher ao espelho", de Cecília Meireles (1973), aduz a reflexão sobre a condição feminina para o interior da subjetividade. Não se trata da mulher vista apenas a partir da externalidade, mas da mulher que olha para si mesma e se descreve, elaborando interiormente as imagens que lhe foram atribuídas socialmente. A exterioridade é refletida na interioridade em um movimento dialético. Há, portanto, a presença de uma voz própria, ainda que atravessada pelas estruturas sociais patriarcais.

Logo nos primeiros versos, a voz poética demonstra uma cisão entre a aparência socialmente construída e a existência vivida. Ao afirmar que "Hoje que seja esta ou aquela / pouco me importa / Quero apenas parecer bela", a mulher sugere distanciamento em relação às identidades que lhe foram atribuídas. O que importa não é quem ela é, mas a imagem que consegue projetar. Diante desse trecho, uma das participantes da oficina relacionou o poema à sua própria experiência:

Então a gente tem essa ansiedade para a liberdade. Ela... Isso é um enquadramento, um belo enquadramento, que é imposto violentamente, e não existe, e aí você... é essa a coisa de você olhar no espelho e procurar você, e você não se enquadra naquele padrão de beleza, você não se enquadra naquela estética que é imposta, que é o bonito, e aí você... justamente em todos os textos assim é uma busca, é uma busca até do que não é acessível, mas é mulher, e a outra mulher não reconhece a própria mulher que existe, essa humanidade. É isso a construção do social.

A reflexão da participante nos mostra como o espelho, no poema, ultrapassa sua função literal e passa a representar o confronto entre a subjetividade feminina e os modelos de feminilidade socialmente impostos. A expressão "procurar você", remete diretamente a essa busca por uma identidade própria em meio às imagens e expectativas sociais. Assim, o conflito apresentando não se restringe à personagem lírica, encontra ressonância nas experiências concretas das mulheres participantes da oficina, aludindo como os padrões de beleza e os ideais de feminilidade não são refratários da condição da mulher, mas se tratam de mecanismos de limitação do "ser-para-si".

Ainda, ao longo do texto, há a enumeração de diferentes identidades: "Já fui loura, já fui morena, / já fui Margarida e Beatriz. / Já fui Maria e Madalena" sugere a multiplicidade de papéis femininos que lhe foram impostos ao longo da vida. Entretanto, o verso "Só não pude ser como quis" deixa transparecer a ausência da autodeterminação que atravessa sua experiência. Vê-se, assim, um retrato da condição feminina: uma vida inteira tentando se encontrar além das expectativas, das limitações

estruturais e buscando uma liberdade ontológica que lhe fora prometida, mas que parece nunca chegar.

Finalmente, a metáfora do espelho assume um papel simbólico relevante. Ábdito do Ser-para-si, ele devolve à personagem a inquietude das projeções socialmente produzidas sobre o feminino. O sujeito que se contempla encontra-se fragmentado entre aquilo que deseja ser e aquilo que lhe foi permitido tornar-se. Destarte, o que vemos é uma existência entrecortada na fronteira entre imanência (ser-em-si) e transcendência (ser-para-si); embora possua consciência de sua condição, ainda não consegue romper integralmente com as determinações que a aprisionam.

3.3 Vozes-mulheres: a escrevivência como forma de transcendência

Publicado originalmente em *cadernos negros*, em 1990, *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo (2017), foi o último texto lido antes do início da atividade de escrevivência proposta na oficina, fechando o percurso para, enfim, alcançar a transcendência. A escrita de si, produzida a partir da experiência vivida, apresenta-se como uma forma de liberdade, pela qual o feminino reivindica sua existência, produz sentido para sua trajetória e reivindica o seu lugar no mundo como autora de sua própria narrativa, protagonista de sua própria história.

O poema de Evaristo (2017) constrói uma genealogia da experiência feminina negra a partir da memória intergeracional. A autora, então, passa a evocar vozes, cada uma expressando uma condição histórica específica. A voz da bisavó ecoa nos porões do navio negreiro, marcada pela violência da escravidão e pela perda da infância. A voz da avó surge associada à obediência imposta pela ordem colonial e racial. Por outro lado, na voz da mãe vem a revolta sucumbida, vivida nos espaços de trabalho doméstico: “A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela”. Em cada geração, a experiência feminina aparece atravessada por relações estruturais de dominação que limitam as possibilidades de autodeterminação, impelidas ao retorno à imanência. Surge aqui, mais uma vez, aquilo que uma das participantes da oficina denominou como “o outro do outro”, referindo-se à condição específica das mulheres negras, atravessadas pela intersecção das opressões de gênero, raça e classe.

Para além das categorias existencialistas, é necessário considerar a atuação histórica do racismo e do patriarcado, pilares constitutivos da modernidade. É

impreterível discutir toda e qualquer categoria de “mulher” que seja universalizante, uma vez que as experiências femininas são atravessadas de maneira desigual pelas estruturas de poder. Sobretudo considerando o caso do Brasil, um país colonizado que ainda detém as garras da colonialidade profundamente irrompidas.

Isso se reflete no poema ao observarmos que é a mulher negra quem realiza o trabalho doméstico, ocupando um lugar historicamente associado à exploração, à invisibilização e à subalternização. Lélia Gonzalez (1983) já problematizava essa questão ao discutir os papéis da “mulata”, da “mucama” e da “mãe preta”: “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzalez, 1983, p. 230). A formulação da autora permite compreender que a condição retratada por Evaristo não se refere à permanência de estruturas históricas que atravessam a vida das mulheres negras no Brasil.

Entretanto, o movimento central do texto não está apenas na denúncia da opressão. A partir da voz poética do presente, o poema nos leva em direção ao futuro. Quando a autora afirma que “a voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes”, a memória se transforma em possibilidade de ação. É uma reivindicação da liberdade na relação entre fala e ato, quando ela diz: “Na voz de minha filha / se fará ouvir a ressonância /o eco da vida-liberdade.” A escrevivência é ponto de culminação que faz exteriorizar a transcendência; ao narrar experiências historicamente relegadas à invisibilidade, a escrita rompe com a posição de objeto e afirma o sujeito como produtor de sentidos sobre sua própria existência.

Há também o sentido de Amefricanidade como elaborado por Gonzalez (1988) que propõe uma leitura crítica da formação histórica e cultural das Américas a partir da centralidade das experiências negras e indígenas. Nesse sentido, a escrita pode ser lida como memória coletiva, resistência e possibilidade de futuro. Diante dessas questões, o poema mobilizou expressões das participantes da oficina, uma delas relatou:

Eu me enxergo à vida neste contexto violento que observa a nossa volta. **Será que o mundo está pronto para ouvir o eco de nossa liberdade?** Que sonora ou não, todos os dias ao acordar faço meu ritual de agradecer por mais um dia, e preparo minha bagagem e megafone para falar quem sou e de onde vim. Na maioria das vezes sou lida como louca e arrogante. Tento não ceder às vozes que ressoam em volta. Continuar firme é um desafio constante. Muito embora eu não tenha responsabilidade sobre o que o outro pensa a meu respeito, a condição ontológica na qual tentam nos encaixar. **Uma ciência que tenta a todo custo nos silenciar. Silenciar vozes femininas e apagar nossa trajetória. Ainda assim, escrevo.**

Enquanto falava, a participante era tomada por uma emoção, mas também um desejo inalienável de ir em frente, de seguir, apesar de. De viver, apesar de. De sonhar, apesar de. Era uma jovem pesquisadora que estava pela primeira vez discutindo essas questões, e finalmente, conseguiu colocar suas inquietações para fora. Eu não sei se o mundo está pronto para ouvir o eco da nossa liberdade, tampouco se pode o subalterno falar, como questionou Spivak (2010), mas sei que estamos falando, que estamos rompendo, emanando e fazendo da vida transcendência, apesar de.

De modo semelhante, outra participante associou a escrevivência ao rompimento de espaços historicamente interditados às mulheres: “quando a gente decide e ousa escrever, mesmo tendo que romper várias barreiras, transpor ou romper, explodir uma dessas barreiras, a gente, de certa forma, está profanando este lugar sagrado, que até hoje é o masculino”. Acho que é isso, profanar mesmo, porque se continuamente somos expulsas da possibilidade da liberdade e relegadas à imanência, buscar formas de transcendência é profanação. É ir na contramão da imagem e semelhança do mundo em que o conhecimento, a memória e o tecido social é masculino, e escrever uma outra história. Essa percepção reaparece na fala de outra participante:

As mulheres escrevem e nessas escritas elas têm a oportunidade de contar a história de uma outra forma, a partir de uma outra perspectiva, da nossa perspectiva, e isso é extremamente importante, isso é extremamente necessário. A gente vê essa necessidade principalmente no que tem acontecido hoje, que a gente parece que ao invés de estar se distanciando da barbárie, a gente está se sentindo mais vulnerável ainda porque o patriarcado está se destruindo e em crise. E tentando suprimir a todo custo.

Escrever é disputar os sentidos, as memórias e as leituras da realidade social. Portanto, o que estamos querendo dizer é que a escrevivência se constitui, concomitantemente, como uma prática subjetiva e um instrumento de resistência frente às tentativas de silenciamento e apagamento das experiências femininas. É nessa busca por construir agências de liberdade que apontamos, neste trabalho, a escrevivência como uma forma de transcendência: uma maneira de evocar o *ser-para-si*, imaginar outros mundos possíveis, alimentar insubordinações e tecer resistências às estruturas sociais.

Foi a partir dessa perspectiva que a atividade final da oficina consistiu na produção de autorretratos escritos pelas participantes, trazendo para o campo da experiência a prática da escrevivência como exercício de transcendência. As participantes puderam transpor para o papel seus sentimentos e emoções, ao narrarem a si mesmas, mobilizaram memórias, afetos e interpretações acerca de suas próprias

trajetórias. Tal movimento nos conduziu à necessidade de dialogar com a antropologia das emoções, uma vez que as categorias de imanência e transcendência não são vividas apenas como abstrações filosóficas, mas também como experiências sentidas, narradas e que detém significado.

4. Antropologia das emoções e a escrevivência

As emoções não são meros reflexos fisiológicos ou impulsos inatos, mas fenômenos profundamente moldados pela cultura e pela linguagem, como afirma Le-Breton (2019) e Lutz (2012). A abordagem de Le Breton está centrada na forma como as sociedades formatam o corpo e as sensações, definindo o que deve ser sentido e como deve ser expressado. Ao descrever a emoção como uma construção social que dá sentido à existência, ou seja, uma elaboração simbólica e cultural da relação do indivíduo com outros e com o mundo, em que sem ela, seríamos apenas um estado corporal difuso, sem inteligibilidade e direção. Sentir alegria e tristeza representa um ato de significação que pode mudar conforme a história de cada pessoa, normas do grupo e contexto social. Segundo o autor: “a emoção é a própria programação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário na relação do indivíduo com o mundo” (Le-Breton, 2019, p. 140), pois auxiliam o/a sujeito/a a avaliar, interpretar e responder às situações da vida cotidiana.

Por outro lado, Lutz, em *Unnatural Emotions* (1988), em seu estudo comparativo de etnopsicologia ocidental com a dos Ifaluk³, revela que categorias como tristeza ou raiva não possuem correspondentes universais e estão intrinsecamente ligadas a valores morais específicos de cada grupo. Ambos os autores estabelecem um paralelo no que concerne à recusa do biologismo e chamam a atenção para a necessidade de observar os processos simbólicos e políticos de cada sociedade. Contudo, a abordagem de Lutz avança para um terreno mais precisamente político e insere essa construção nas dinâmicas poder e desigualdade, como foi desenvolvido em *Language and the Politics of Emotions* (1990), fornecendo as ferramentas para analisar quem detém as imagens de controle e os dispositivos do discurso, compreendendo as emoções como arenas de disputa capazes de exercer dominação ou resistência.

Nesse contexto, como relatado por Lutz (2012), as mulheres são associadas às emoções, ao descontrole e ao descrédito, enquanto os homens, à racionalidade e ao

³ População da Ilha Micronésia localizada na Oceania onde o pensamento ocidental não se aplica de pensar a divisão entre a mente e o corpo. Nesta cultura o pensamento e sentimento habitam o corpo de integral (Lutz, 1988).

autocontrole. Estas oposições representam construções culturais socialmente naturalizadas, alocando as mulheres nos papéis de subalternidade anteriormente discutidos como justificativa à dominação patriarcal. A autora aprofunda a crítica ao mostrar que falar sobre controle emocional é sempre falar sobre poder, revelando como a misoginia opera também pela patologização das emoções femininas (Lutz, 2012), consideradas excessivas ou até mesmo histéricas, enquanto a frieza masculina é valorizada como virtude.

Desta forma, a antropologia das emoções desnaturaliza as opressões, pois ao nomear o preconceito sistêmico embutido em categorias emocionais (Le-Breton, 2019; Lutz, 1988, 2012). É possível levantar a discussão sobre o direito de redefinir o que é sentir cada emoção, quem pode legitimamente sentir e como as hierarquias de gênero são reproduzidas no cotidiano apreciando a vergonha, a culpa, e o medo de forma desigual entre homens e mulheres. Desta maneira fornece arcabouço teórico para compreender o conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2005) que transforma a experiência subjetiva em possibilidade de transcendência.

Conceição Evaristo nasceu em 1946, na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte (MG). Antes de ser reconhecida como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, Evaristo (Duarte; Nunes, 2019) viveu na pele o que escreveria depois: a casa de mãe solteira, o emprego mal pago, o olhar de desprezo, a solidão da mulher negra periférica. Foi justamente dessa costura entre vida vivida e vida escrita a *escrevivência*. O conceito trata-se de um neologismo que combina os verbos “escrever” e “vivência”, expressando a ideia de que a escrita não é neutra ou separada da vida, mas sim profundamente enraizada na experiência pessoal, especialmente das vivências de corpos marginalizados. Em vários estudos e reflexões, a palavra assume uma gama de significados nem sempre relacionados com o processo de formação lexical. Evaristo (2005) criou a “*escrevivência*” para realizar ressonância, negada à mulher negra, que sempre foi vista apenas como alguém nascido para cuidar e servir, não para pensar e se expressar.

Com sua literatura, que é ao mesmo tempo social, feminista e antirracista, confronta a ideia de que só existe uma forma de ver o mundo, a do grupo dominante. Tal da autora mostra as desigualdades que o mito da “democracia racial” esconde, e ao abrir espaço para vozes que sempre foram caladas. Conforme declara: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, apud Duarte; Nunes, 2019, p.

124). É desde um lugar de minoria que Evaristo (2005) cria a estética da escrevivência, que estará presente em sua produção de poemas, prosa ou ensaios. Nesse sentido, nossa compreensão sobre o termo minoria parte do que é apresentado por Homi K. Bhabha (2013) definindo como grupo cultural, racialmente marginalizados formada por vários grupos, assumindo uma desvantagem social e sem negar a sua diversidade, legítima e anuncia o importante artifício da identidade cultural e diferença, a exemplo, os grupos políticos de origens diversas que se unem não para igualar sua opressão, mas para fazer dela uma causa comum. Desse modo, a escrita é compreendida como espaço de rasura diante do silêncio imposto às minorias, e também como espaço de ligação entre o sensível e o inteligível.

Considerando a produção literária e ensaística de Evaristo (2005) o, especialmente seu projeto estético e político definido como escrevivência, com as considerações sobre a autorrepresentação de mulheres negras na literatura brasileira percebemos que a voz autoral, à medida que expressa marcas do seu pertencimento sociocultural favorecendo a abertura de espaços onde vozes socialmente negligenciadas se tornam audíveis. Uma prática e modo de fazer que surge da experiência, da memória e da ancestralidade. Escrever é denunciar, mas também é celebrar quem veio antes de nós. A escrevivência transforma a experiência em narrativa política e neste sentido ao escrevermos afirmamos que nossas memórias importam. A palavra que nasce do corpo, do território e dos vínculos comunitários equivale a uma escrita capaz de denunciar as violências e celebrar à vida e, enfim, alcançar liberdade e transcendência.

4.1. (Re)existência afetivo-coletiva

A análise dos textos produzidos pelas próprias mulheres da oficina revela como esses conceitos são processados, sentidos e aplicados, considerando a dimensão dialógica da escrevivência, que não se fecha no “eu”, expande-se para a comunidade e gerações futuras, quando se abrem espaços para que vozes historicamente silenciadas tenham o direito de nomear e de transformar o mundo.

Participante 1 - *“Eu não defino tudo como uma coisa só, porque as possibilidades da vida, da vivência, mudam. Então, o recinto de ontem não me cabe mais. Não me cabe mais estar aqui com o estilo que eu tinha, que eu usava. Não me cabe mais aquela mulher que estava esperando a aula de manhã. Às vezes eu gosto de parar, ir para casa, tomar banho e sentar um pouco. Eita! Me ocorreu que eu posso ser assim também. Posso levar o filho à escola, fazer a feira, ir para o cabeleireiro. Não. Essa*

quilometragem está muito marcada por paradas, descanso e descaso. Vou acordar e parar. Perdi, ganhei. É o nascer de uma nova, antiga senhora, mulher, que caminha de mãos dadas com os sonhos. Ao mesmo tempo, ao chegar, não sei muito bem, mas lá estarei novamente. Eu simplesmente tenho. Meu desejo é colorir minha alma, não apenas meus cabelos ou o meu corpo. Estou lendo um livro em que a personagem não quer usar sutiã, e aquilo se torna um questionamento para as outras pessoas. Para mim é simples. Claro, o meu corpo provoca sensações, e eu tenho que reprimi-lo porque ele provoca. Seios fartos são feitos, cheios, cheios de algo que a sociedade não compreende, que é a plenitude, a magnificência de ser mulher. Seios fartos de afeto podem vir para o colo.”

Este texto foi escrito por uma das participantes da oficina, uma mulher de meia idade, cabelos longos pretos e estudante de museologia, que foi rapidamente impactada pelos escritos das autoras discutidas, especialmente, por Cecília Meireles em que como vimos aparece às questões relativas às pressões estéticas que condicionam as mulheres. Pelo viés da antropologia das emoções, observamos o corpo como receptáculo de sensações que precisam ser reprimidas socialmente, evidenciando a emoção como uma construção cultural que tensiona o âmago indivíduo de sentir e conseguir se expressar (Le-Breton, 2022; Lutz, 1988). Há lampejos de indignação moral diante das imposições sociais, onde o eu lírico se vê comprimido entre espaços que “não lhe cabem mais”. A escrevivência da autora traz a resistência afetiva que exprime o cansaço “para levar o filho, na escola, para fazer a feira, para ir para ao cabeleireiro”, reconhecendo os aspectos da imanência. Não sem guardar coragem e desejos de transcendência, quando diz: “Eu desejo colorir minha alma” e ir além das imposições sociais através da escrita de si e da tessitura de sentidos e significados fartos, deleitosos de afeto.

Participante 2 - *“Escrever sobre mim, exige pensar sobre mim. Sinto que é como mergulhar em um rio de águas escuras. Há algum tempo, me percebendo, sem gostar de viver, resolvi procurar o que em mim estava silenciado e esquecido. Sentia o tempo inteiro que estava apartada de mim. Era como se tivesse feito um caminho para longe de casa, e caminhando por estradas sem placas, e caminhando rápido, não sabendo nem para onde estava indo e tampouco, onde havia chegado. Nesse período de incômodo e de reflexão, entendi que diagnosticado o problema não significava resolver. Até que depois de semanas entregue a busca que esse diagnóstico, lembrei... Apenas quando estou só, é que eu posso estar perto de mim. Em geral, em alguma medida, os relacionamentos me conduziam a representar um papel que me afastava de mim mesma.*

E hoje, novamente só, procuro o caminho de volta pra casa. E acredito que a escrita me ajudará a fazer este percurso de volta.”

Este texto foi escrito por uma jovem mulher de cabelos cacheados, estudante de Antropologia. Sob a lente da escrevivência (Evaristo, 2005), este fragmento materializa a escrita como um ato de sobrevivência e reconexão com a memória e um corpo silenciado, onde o “mergulhar em águas escuras” simboliza o retorno doloroso à própria subjetividade. Alguns aspectos do texto despertam sentimentos de melancolia, estranhamento e, gradualmente, uma esperança frágil na sensação de estar “*apartada de si*” evoca a emoção social do deslocamento ontológico, na qual, as mulheres são socialmente empurradas a se reconhecerem como este outro, em uma condição essencialista. Por outro lado, a decisão de usar a escrita como “percurso de volta para casa” produz um ato de resistência, o cuidado de si e capacidade de ser-para-si. Finalmente, coletivamente, a escrita inspira empatia pelo sofrimento do desamparo existencial e alívio pelo gesto corajoso de se autorizar a lembrar e narrar a própria dor.

Participante 3 – *“Meu trajeto. Enxergo à vida neste contexto violento que observo à nossa volta. Será que o mundo está pronto para ouvir o eco de nossa liberdade? Que sonora não, todos os dias ao acordar, faço meu ritual de agradecer por mais um dia, e preparo minha bagagem e megafone para falar quem sou e de onde vim. Na maioria das vezes, sou lida como louca e arrogante. Tento não ceder às vozes que ressoam em volta. Continuar firme é um desafio constante. Muito embora eu não tenha responsabilidade sobre o que o outro pensa a meu respeito, a condição ontológica na qual tentam encaixar meu corpo é dolorosa. Uma ciência que tenta a todo custo nos silenciar. Silenciar vozes femininas e apagar nossa trajetória. Ainda assim, escrevo.”*

Este texto foi escrito por uma participante negra, alta e de cabelos curtos e cacheados, que também ministrava a oficina. O trecho evidencia que a escrevivência, ao expressar a dor do silenciamento e a luta por reconhecimento, confirma que a escrita emerge de uma vivência corporal e socialmente situada que jamais será neutra. Quem narra, descreve a “condição ontológica” imposta ao seu corpo como uma experiência emocional e dolorosa, revelando como as estruturas de poder afetam diretamente as subjetividades femininas. O ato de escrever, mesmo diante da “ciência que tenta nos silenciar”, vide aquela positivista, questionada por Collins (2000), acampa uma prática emocional de resistência e reexistência, onde o medo e a coragem coexistem e andam juntos. Os termos “*bagagem*” e “*megafone*” simbolizam a preparação cotidiana para performar uma identidade que desafia as normas, enquanto o ritual de agradecer

demonstra um esforço ativo de manter a esperança e seu posicionamento político. Além de refletir as subjetividades, a escrita constitui a própria experiência vivida, transformando a dor individual em possibilidade coletiva de escapar aos papéis restritivos e alçar a liberdade.

6. Considerações Finais

Em um exercício polifônico teórico e metodológico, que ao longo de todo o texto, discutimos as compreensões dos autores e autoras, dando ênfase às interpretações das sujeitas de pesquisa, elevando suas experiências e práticas sociais como critérios de significado. Desta forma, unindo a pesquisa científica com as perspectivas para a mudança social.

No primeiro plano, debatemos a filosofia existencialista e as implicações da liberdade a partir das categorias de imanência e transcendência, tendo como corpus de análise os textos: [1]. A menor Mulher do Mundo, de Clarice Lispector (1979), em que constatamos a imanência e seus lampejos de transcendência na personagem Pequena Flor; [2] Mulher ao espelho, de Cecília Meireles (1973), temos o conflito entre imanência e transcendência; por fim, [3] Vozes-mulheres, de Evaristo (2017), em que a voz finalmente irrompe e se alcança a transcendência. Após as leituras, inspiradas pelos textos e pelas suas próprias reflexões, as participantes produziram as escrevivências/autorretratos que também fizeram parte do corpus analítico.

Ainda, tais reflexões balizadas pela antropologia das emoções, mostrou-se profundamente fecunda para tensionar as amarras do patriarcado. Ao compreender que as emoções são construtos culturais atravessados por relações de poder (Lutz, 2012), foi possível evidenciar como os textos literários e os autorretratos emocionais produzidos na oficina, além de denunciar a sujeição das mulheres à imanência, reduzidas a um corpo essencializado, cuja subjetividade é silenciada, também possibilitaram caminhos para a transcendência através da escrevivência. Ademais, conferindo as emoções, que outrora confinadas ao âmbito privado, ao descontrole, um lugar de resistência e invenção da própria liberdade.

Assim, a relevância deste trabalho reside em sua capacidade de articular teoria e experiência vivida, demonstrando que a liberdade não é um dado ontológico abstrato, mas uma conquista que pode ser exercida na própria escrita do eu, de forma crítica e que leva à reflexividade. Portanto, sua principal contribuição foi apontar caminhos para transformações sociais pela via sensível e política da escrevivência.

7. Referências

ABU-LUGHOD, L; LUTZ, C. A. **Introduction:** emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila (ed.). *Language and the politics of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/594614367/ABU-LUGHOD-Lila-LUTZ-Catherine-Introducao-Emocao-Discurso-e-Politicadas-vida-cotidiana> Acesso em: 26/05/2026.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** Fatos e mitos. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

COLLINS, P. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2000.

DUARTE, C. L; NUNES, I. R. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. *Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras*, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 01 jul. 2026.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

_____. **Gênero e etnia:** uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em: <https://inegalagoas.org/wp-content/uploads/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf> Acesso em: 20/11/2025.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1983.

_____. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1979, 11a. edição.

LUTZ, C. Antropologia com emoção. [Entrevista concedida a] Maria Claudia Coelho, Susana Durão e Adriana Vianna. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 213-224, abr. 2012.

_____. Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory. Chicago: University of Chicago Press, 1988. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/430956398/LUTZ-C-Unnatural-Emotions-Chapter-1-4-6> Acesso em: 25/05/2026.

MEIRELES, C. **Poesias Completa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada** - Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Petrópolis: Vozes, 2014. Tradução de: *L'Existentialisme est un Humanisme* (Paris: Les Éditions Nagel, 1970).

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** [Can the Subaltern Speak?]. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p. (Coleção Babel).

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.